

AMOR E CRIAÇÃO ESTÉTICA EM *NOITE DE ALMIRANTE*

LOVE AND AESTHETIC CREATION IN *ADMIRAL'S NIGHT*

Rubens Martins da Silva¹

Domício Moreia Ribeiro²

Resumo: este artigo apresenta um estudo literário sobre os personagens do conto “Noite de Almirante”, de Machado de Assis (1884). O estudo tem como base as concepções teóricas de Bachelard (2001; 2008), de Jauss (1994) e de Schiller (2002). A discussão conduz o leitor à percepção de que “Noite de Almirante” tem por objetivo o levantamento de reflexões críticas sobre a regularidade da vida.

Palavras-chave: Noite de Almirante; estética literária; poetização.

ABSTRACT: this article presents a literary study about characters in the short story “Noite de Almirante” (Admiral’s Night), by Machado de Assis (1884). The study is based on the theoretical conceptions of Bachelard (2001; 2008), of Jauss (1994), and of Schiller (2002). The discussion leads the reader to realize of which “Noite de Almirante” aims raising critical reflections on the regularity of life.

Keywords: Admiral’s night; literary aesthetics; poeticization.

Introdução

Na intenção de vislumbrar o devaneio ascensional do voo poético, conforme define Bachelard (2001; 2008), o foco da crítica literária deste artigo centra sua vertente na leitura textual para dela extrair a arte imagética com seus significados e seus valores para o campo literário.

Seguindo a análise do conto “*Noite de Almirante*”, de Machado de Assis (1884), o objetivo deste artigo é de apresentar ao leitor reflexões que lhe permitam depreender os possíveis acontecimentos entre os personagens Deolindo, Genoveva e José Diogo e, a partir

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT), com pesquisa na área de análise do discurso de professores em formação inicial. Professor universitário pela Unitins/TO, e da educação básica pela Seduc/TO. E-mail: rubensliteratura@gmail.com

² Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Servidor técnico-administrativo do Instituto Federal de Goiás. E-mail: dommoreira@hotmail.com

disso, correlacionar representações com foco na arte literária, conforme acentua Iser (1996) ao remeter o leitor à completude da arte estética.

Nesse intuito, a disposição textual amplia-se pela apresentação de um breve resumo do conto; uma abordagem sucinta a respeito da Teoria da Recepção, sob a visão de Jauss (1994); uma visualização do espaço de ocorrência do enredo sob a ótica de Bachelard (2001; 2008); e um dimensionamento ao entendimento do real e do sensível vivido entre os personagens, segundo acentua Schiller (2002), projetado também pelos significados dos nomes e da sublimidade amorosa contida no fio condutor das idealizações das personagens.

1 O conto

A genialidade machadiana desvela-se pelo campo literário com uma dimensão ascensional capaz de enfatizar com propriedade admirável a história de um marinheiro, chamado Deolindo e apelidado de “Venta-Grande”, o qual desenvolveu uma paixão intensa por Genoveva, moça linda, 20 anos de idade e cheia de amor.

Apesar do sonho de concretizar o amor com Genoveva, Deolindo via-se impedito de desfrutar momentos amorosos “almirantescos” devido ao trabalho que exercia como marinheiro, fato que o obrigava a viver distante em razão de suas viagens. Para Deolindo, a distância poderia interromper a realização amorosa entre eles e provocar os mais desastrosos sentimentos por não desfrutar da beleza amorosa que fluía em seus íntimos. Para evitar o pior, em razão da distância que os separaria pela nova viagem, fizeram juras de amor, projetando consolidá-las num amor eterno após o retorno de sua missão.

Viagem iniciada, corações apertados e sedentos por seus objetivos, sonhos diluindo-se nas águas diante da incerteza do retorno. A fidelidade marcava o teor dos desejos, pois quem saberia do futuro de dois corações distantes, separados?

Passaram-se os meses e Deolindo sempre procurou viver a fidelidade a que se propusera, apesar dos contatos com várias mulheres durante sua viagem, pois seu coração estava reservado para viver um grande amor com Genoveva. Mas esta, em razão da ausência de Deolindo, enveredou-se pelos caminhos de um novo amor e conseguiu unir-se aos sentimentos de José Diogo.

Após dez meses de viagem, Deolindo retorna para Bragança, na intenção de viver a tão sonhada “noite de almirante”, momento de amor destinado aos marinheiros quando reencontravam suas esposas ou namoradas.

Embarcação atracada, olhos e coração pulsantes marcavam o ser de Deolindo para a expectativa de encontrar sua amada, sua promessa de felicidade. Ao procurar Genoveva, contudo, recebe de Inácia a notícia de que esta já estava vivendo com outro homem. Sem acreditar, sai ao encontro de Genoveva na intenção de confirmar o fato triste em sua vida. Durante seu destino à casa de Genoveva, Deolindo não nutria ódio em seu coração, pois tinha a esperança de que a jovem ainda viesse a amá-lo. No entanto, ao constatar a realidade, decepciona-se a ponto de querer matar-se, embora, por sua sobriedade, siga seu caminho, deixando transparecer a seus amigos que vivera, de fato, a tão sonhada “noite de almirante”, sua especial noite de amor.

2 Os espaços amorosos

Em “*Noite de Almirante*”, os espaços amorosos são tão ascensionais quanto o lugar de existência de Deolindo. A ausência de uma casa térrea para Deolindo corrobora a incerteza de concretude de sua possível vida amorosa. Pela figuração poética de uma casa desprovida de estrutura sólida, o amor caminharia por uma fluência dissociada de suas realizações. Nisso, a flutuação do amor contido no coração de Deolindo segue pelo encantamento das ondas do mar, em razão de sua vivência na corveta.

Habitando na corveta, que tem como estrutura o mar, Deolindo carrega em si a incerteza de um encontrar um ponto seguro, o qual faça significar seu amor com Genoveva. Reflete esta incerteza, tal qual a figura da corveta que, contendo apenas uma bateria de canhões, estaria fadada ao fracasso frente a possíveis guerras.

Seguindo a vertente de habitação na corveta, observa-se que Deolindo seria um homem nômade, de coração e de morada flutuante, sendo, nesse contexto, dono de um caráter instável, móvel e levado pela força do vento, a ponto de não controlar seus objetivos, seus destinos.

Percorrendo a realidade/flutuação da corveta, observa-se que Deolindo é instável, sobretudo condicionado a uma vida amorosa nessa mesma linha fatídica. Essa vertente torna-se objetiva porque a casa de Deolindo sempre está em movimento e, portanto, condicionada a uma “morada” destinada à guerra que lhe traria lutas e sofrimentos. Essa projeção vulnerável consubstancia a atipicidade de Deolindo em viver seus sonhos de amor, seus devaneios ascensionais e satisfatórios.

Valendo-nos da perspectiva espacial de Bachelard (2008, p. 34), vemos que os espaços amorosos de Deolindo só encontrariam consolidações se sua casa, sua vida fosse “mais que um centro de moradia, fosse uma casa natal em um centro de sonhos”. Tendo a casa como um centro de sonhos e como um espaço estável, Deolindo poderia permanecer no centro dessa casa e nela realizar-se. Porém, o que se vê é uma casa/corveta totalmente em movimento e sem apoio definido. Pela disposição de movimentar-se a qualquer tempo, a vida de Deolindo estaria incerta quanto ao que poderia efetivamente realizar.

Apesar dessa flutuação, os espaços de sonhos não fugiriam das vontades de Deolindo, pois este, ao descer da corveta após dez meses em alto-mar, carrega em si “um grande ar de felicidade nos olhos” (MACHADO DE ASSIS, 1884, p. 01). A casa de sua habitação poderia deixar de tê-lo, pois não se sentia apegado a ela em razão de que seu amor se encontrava num espaço tão firme quanto os desejos que nutria. Ele esperava que ao ter contato com a terra, lugar de habitação de Genoveva, fosse possível viver feliz e essa era a visão que seus amigos viam ao dizer: “– Ah, Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! Ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva” (MACHADO DE ASSIS, 1884, p. 01).

Embora vivendo o espaço dos sonhos pelos mesmos espaços da casa, “o ser vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos” (BACHELARD, 2008, p. 25). Reconhecendo sua moradia em alto-mar, Deolindo vive a virtualidade da casa representada pelos braços e o colozinho de Genoveva. Apesar disso, seu objetivo é viver a realidade e materialidade do amor, fato que o leva a buscar a terra firme, a casa de Genoveva que também seria a sua, a fim de viver a felicidade amorosa.

Os espaços do amor só encontrariam vertente afirmativa nos momentos em que Deolindo estivesse na terra porque tudo começou exatamente nela. Com isso, os espaços da casa são firmes e definidores do que se espera.

Começara a paixão três meses antes de sair a corveta. Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada: ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior (MACHADO DE ASSIS, 1884, p. 01).

Servindo da poetização amorosa pelos espaços da casa, os quais levam ao campo ascensional, mesmo nos sonhos e, ousadamente, na realidade, Bachelard afirma:

A casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio (...). Na vida do homem, a casa afasta contingências (incertezas), multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. (BACHELARD, 2008, p. 26).

A figura da casa reforça a forma com que o narrador traça a afirmação de que Geneveva, antes da partida de seu futuro amor, estaria disposta a acompanhá-lo por espaços que garantiriam a solidez de suas vidas. Viveriam eles em lugares recônditos, seja numa casa ou cabana, tendo essa figura a função de representar seu lugar no mundo para findar em proteção, sobretudo num lugar destinado a viver seus sonhos e devaneios.

Nutrido como elemento de satisfação, a busca que Deolindo fazia pelo amor alcançava os mais diversos espaços, pois acreditava que seu retorno o encaminharia para um sonho realizado.

Lá vai ele agora, pela Rua de Bragança, Prainha e Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Geneveva. A casa é uma rotulazinha escura, portal rachado do sol, passando o cemitério dos Ingleses; lá deve estar Geneveva, debruçada à janela, esperando por ele (...). A mesma casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava diante dos palácios de outras terras (ASSIS, 1884, p. 02).

Saindo da corveta e direcionando-se a Geneveva, Deolindo imaginava que o amor deixado no coração de sua amada estaria seguro na casa em que ela vivia, mas esta casa/amor precisa valorizar tudo o que possui para não se desprender dos sonhos que busca. Para Bachelard, a casa, independentemente de sua constituição material, torna-se espaço de beleza onde devem encontrar-se os devaneios:

Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela? Os escritores da 'casinha humilde' evocam com frequência esse elemento da poética do espaço. Mas essa evocação é excessivamente sucinta. Como há pouco a descrever na casinha pobre, eles quase não se detêm nela. Caracterizam-na em sua atualidade sem viver realmente a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos, ricos ou pobres, se aceitarem sonhar. (BACHELARD, 2008, p. 49).

Os espaços da casa de Geneveva, com condições simplórias quanto a sua estrutura, pequena e com poucos móveis em estado de velhice, eram retomados pelos pensamentos de Deolindo durante sua viagem. Ele se elevava por essas imagens a projetar seu retorno para desfrutar dos espaços dessa casa/amor com objetividade.

A firmeza de Deolindo é comprovada em razão de que durante sua viagem tivera oportunidades para viver com outras mulheres e, quem sabe, em casas mais ricas; no entanto, as riquezas ou belezas que encontrara não foram capazes de lhe fazer deixar o sonho simples, mas definido, que nutria. Nessa vertente, segundo enfatiza Bachelard (2008), a casa humilde traz felicidade na sua “glória de pobreza”.

A cada instante que se aproximava de seu reencontro com Genoveva, Deolindo era conduzido ao espaço do amor pela virtualidade projetada em cada um dos seus sonhos. Deixou de viver outras possibilidades para encontrar-se com sua amada. Mas todos os espaços flutuantes de sua morada, a corveta, trouxeram-lhe resultados não esperados. Agora, Genoveva estava com José Diogo que, em razão de conversas diárias com a bela morena, conseguira cativar os espaços amorosos do seu coração. Morando na praia formosa, o espaço ascensional representado nesta “formosura” denota que o novo amor é bem sólido e talvez menos passageiro em razão da dúvida a respeito do tempo que Deolindo poderia permanecer com ela por motivo de suas viagens.

Os espaços para concretizar o amor estavam dissolvidos; tudo agora era nutrido pelos lugares mais dissolutos na vida de Deolindo. A casa flutuante que comandara sua existência amorosa durante toda sua vida dava a ele o entendimento de um sonho desfeito, de uma vida sem espaços definidos.

Afastando-se do amor que perdera, Deolindo sai em busca de sua casa/amor, mas onde seria a casa de Deolindo? Certamente a corveta, a qual o levava para as incertezas do amor em sua vida.

No princípio de definir o valor ascensional, Deolindo não conseguira porque seu porto seguro/casa/amor não existia. Na visão bachelardiana, o que sustenta os sonhos são os espaços que se projetam para uma solidez presente e futura. Nenhuma casa deixa de abrigar o sonhador, pois ela serve de definição, sobretudo de ascensão onírica.

3 Efeitos receptivos da poetização

A contemplação poética filtrada pelo leitor, segundo a Teoria da Recepção, encontra na vertente de Jauss (1994) os fundamentos das significações vividas pela fruição que a obra de arte provoca em seu estado de devaneio ascensional quando da contemplação de sua sublimidade artística.

Estabelece-se na experiência do contato do leitor com o texto a reflexão de sua recepção pela provocação subliminar que a obra lhe faz. Nesse contato, ocorre o dimensionamento da compreensão que este adquirirá no percurso da leitura, por meio do efeito que ela lhe provoca.

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra, menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva (JAUSS, 1994, p. 26).

A visão de leitor de Jauss (1994) possibilita uma referenciação a duas categorias essenciais, sendo a primeira de um ‘horizonte de expectativas’, como um misto de códigos vigentes e uma soma das experiências sociais acumuladas; e a segunda a um conceito de ‘emancipação’. Tem-se, assim, uma câmara de ecos em todo ato de recepção, onde ressoam os pressupostos sociais, históricos ou técnicos que possibilitam sua efetivação.

O ‘horizonte de expectativas’ leva à dimensão de assimilar que Deolindo, pela posição que ocupava como soldado da Marinha, estaria com sua “noite de almirante” garantida por sua satisfação em voltar para os braços de sua amada com quem fizera compromisso de coração. Na aquiescência da expectativa de realizações, ao se deparar com o texto, a recepção do leitor é vivida por campo de alterações e de mudanças durante o percurso da leitura. Tem-se no leitor a dimensão da responsabilidade pelo entendimento da mensagem da obra, pois este é o responsável pela primeira reação em relação ao conto, visto que se trata da consciência individual que ele dissolve no decorrer de suas leituras.

A recepção da leitura pela complexidade dos horizontes, segundo Jauss (1994), se dá mediante a reação que o leitor faz para depreender o sentido da obra. Ratificado por Iser (1996), o leitor é direcionado a preencher os espaços “vazios” da obra literária e, a partir daí, entender suas vertentes.

Para Zilberman (1989), o leitor se condiciona ao discurso do texto.

Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fator social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo ‘trans-subjetivo’, ‘condiciona a ação do texto’. (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Complementando o caráter da recepção, o leitor realiza, segundo Jauss (1994), a ‘emancipação’ da leitura, “esta compreendida como a finalidade e o efeito alcançados pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade”. (ZILBERMAN, 1989, p. 49).

O esforço das expectativas e da emancipação avança pelas teses receptivas difundidas por Jauss em três acentuações peculiares. Estas se coadunam, em primeiro lugar, com a tese metodológica para o estudo da obra literária formatada no aspecto diacrônico, tendo como foco a recepção da obra literária ao longo do tempo, a partir do momento da leitura com o diálogo de leituras anteriores; em segundo, na tese metodológica para o estudo da obra literária formatada no aspecto sincrônico, mediante a história da literatura articulada com outras obras rumo a uma nova literatura; em terceiro, na tese metodológica para o estudo da obra literária pela função social para a criação literária, caráter emancipatório que abre novos caminhos para o leitor no âmbito da experiência estética.

Revelando o efeito do conto “Noite de Almirante” no campo ascensional do leitor, Jauss (1994) enfatiza ainda a distinção dos efeitos receptivos pelas dimensões da *poiesis*³, da *aisthesis*⁴ e da *katharsis*⁵, que, através da experiência estética, compreendem prazer e conhecimento, criando no diálogo entre texto e leitor a atuação da criação literária, dando efeito emancipatório em relação ao mundo e a si próprio enquanto leitor.

Transfigurado pela imagem “almirantesca”, o amor evocado por Machado, enquanto narrador em terceira pessoa, conduz o leitor a visualizar o encontro mais subliminar entre Deolindo e Genoveva, pois esse identifica que a paixão começara três meses antes da partida da corveta e persistiria dez meses até seu regresso.

Por Deolindo, figura masculina que aduz ao estado de direito de ter sua satisfação amorosa realizada, a recepção pela teoria do efeito impregna no leitor a visão de que o encontro tão esperado seria, de fato, uma noite de amor de “almirante”. Por Genoveva, a mulher em passividade, que teve seu momento de ousadia ao romper a promessa, tem-se o objetivo de esclarecer que seu amor não era tão puro ou submisso à expectativa de esperar a volta daquele que seria seu futuro homem singular.

³ Compreendida como o prazer do leitor ao sentir-se coautor da obra literária;

⁴ Compreendida como o prazer estético advindo de uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da criação literária;

⁵ Compreendida como o prazer proveniente da recepção e que ocasiona tanto a libertação quanto a transformação das convicções do leitor, mobilizando-o para as novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo.

Diante disso, a única certeza é a do desencanto do amor para com Deolindo pelo novo interesse de Genoveva quanto a José Diogo. Para cada um, ocorre um sentimento peculiar. Um sofre a perda que resulta na insatisfação do desejo não realizado, e o outro, a conquista e a confirmação da realização. Tudo flutua por uma conspiração que transita na mesma inconstância sentimental e o amor se movimento de lá para cá, como que sob o vento que leva a corveta.

4 O aspecto trino em “Noite de Almirante”

O conto “Noite de Almirante” aborda com clareza várias faces do amor, dentre as quais projeta a triunidade das personagens. Isso reflete a presença do número três, que traz significados importantes tendo em vista o triângulo amoroso que se situa como foco do conto. “Batia três horas da tarde” (MACHADO DE ASSIS, 1884, p. 01).

O número possibilita ao leitor diversas leituras e entendimentos. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), o três acentua o caráter de antítese entre o intelecto e o espírito.

Na validade do aspecto trino, atinge-se a vertente da trindade divina na figura de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Automaticamente, remete-se aos personagens Deolindo, Genoveva e José Diogo.

A figura simbólica encontrada no triângulo terra, homem e equilíbrio denota a fluidez da incerteza ante ao que cada um se propõe a consolidar. Os aspectos contrários no homem verificam-se os efeitos destoantes.

O simbolismo⁶ evocado aduz à representação que os personagens vivem durante a procura pelo amor. Primeiramente, Deolindo encontra a bela Genoveva, por quem se apaixona, mas não consegue estabelecer bases sólidas para o amor *Eros* que se projetaria nem no **céu**, nem no **mar** e nem tão pouco na **terra**.

- Juro por Deus que está no céu? E você?
- Eu também.
- Diz direito.
- Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte. (MACHADO DE ASSIS, 1884, p. 02).

No momento do juramento, está implícito ali o amor que a aprisiona à aliança e ao compromisso. Entende-se que a arte liberta o homem dos interesses terrenos, temporais e o

⁶ Chevalier e Gheerbrant. Dicionários de Símbolos, 2001, p. 902.

faz melhor e transcendente a todos os interesses pequenos e perecíveis. Nisso, o discurso do conto deságua na ideia trina: pela trindade de Deus, as três juras de amor eterno e o triângulo amoroso que se formaria no desenrolar da trama.

Vê-se nas ocorrências a finalização de dois sonhos ascensionais: os de Deolindo, na tentativa de construir uma família em terra firme e viver um amor eterno, e a alternância amorosa presente na vida de Genoveva.

Mas para Deolindo tudo chegara ao momento da desilusão e, como afirma Drummond (1994, p. 37), “e agora José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou e agora José?” E agora você? E agora Deolindo?

Deolindo se vê diante do aspecto final do amor. Este amor que não consegue viver em bases tríplices. Com isso, a paráfrase percorre a vida deste marujo quando se diz do amor. *Você que é sem nome*, sem futuro, almirante sem nau, sem rumo, sem esperança e sem chão. *Está sem mulher está sem discurso está sem carinho*. É a sensação do caos.

Diante de uma situação catastrófica e de desencontros, Schiller contribui dizendo que “é preciso recorrer à arte quando a natureza é avara” (SCHILLER, 2002, p. 31).

5 Distúrbios amorosos pelos nomes

A sapiência de Machado de Assis, além de uma produção textual referenciada como uma obra de arte, traçou com precisão o teor significativo de seus personagens por meio dos nomes a eles atribuídos.

Segundo Chevalier (2001), os nomes expressam mensagens de afirmação e de negação. Revisitando cada um dos personagens, observa-se que o nome “Deolindo”, decomposto em “*Deo*”, do latim, indica o significado de “Deus” e, “lindo” do latim “*limpidus*” significa “limpo, puro”, indicando que o amor de Deolindo era o mais significativo. Mas em conflito próprio, a alcunha de “Venta-Grande”, pessoa de narina avantajada, desfigura o personagem de sua beleza e pureza.

O nome Genoveva indica a figura de uma tecelã, a qual cosia seu “corpinho azul” para vestir-se ao seu amado. Na linha amorosa, Genoveva é vivida na figura de Penélope, a qual viveu muitos anos costurando à espera do retorno de seu amor, Ulisses. O diferencial entre elas é que Genoveva fazia suas roupas para mostrar suas formas ao seu amado. Já Penélope passava o dia cosendo enquanto à noite descosturava tudo, adiando a finalização de um grande tapete que jamais acabava. Com isso, mantinha o compromisso de esperar o retorno de

seu grande amor, afastando, assim, seus pretendentes, os quais nunca a perturbaram com galanteios.

Na dimensão do conflito, José Diogo significa por José, aquele que acrescenta, e Diogo significa diabo. Este foco mostra que o aparecimento de José Diogo veio com isso provocar distúrbio no amor que seria compartilhado entre Deolindo e Genoveva.

6 Sublimidade amorosa

Para Deolindo e Genoveva, o amor poderia existir e realizar seus sonhos, mas a voluptuosidade que apresenta este mesmo amor é incerto e cheio de desafios, com os quais todos precisam lidar de forma madura. Caso não se faça isso, o próprio amor se afeta e se apaga.

Translúcido no grande sentimento amoroso presente em seu coração, o personagem central chamado Deolindo nutre em seu si a sublimidade do amor. Nessa mesma dimensão, o leitor, em seu estado de voo pela obra literária, sente-se inundado de amor para dela depreender e viver seu momento de sublimação.

Desafiador a todos os contextos, o amor muitas vezes deixa corações em sofrimento e, da mesma forma, quando o leitor não se deixa levar pela arte contida nos textos, tenderá a não contemplar seu grande prisma, que é a vivência imagética da arte em sua vida, em seu espírito sonhador e esvoaçante.

Considerações Finais

Envolto no desejo de corresponder seu amor, Deolindo segue o caminho de um homem sonhador; por isso, ao retornar de suas atividades militares, suas esperanças estavam fluindo a cada instante. Acesa em seu coração tal como um fogo, a sublimidade amorosa transparece em sua vida. Sedento de viver seu momento de “almirante”, imagina que a jovem Genoveva estaria em ardência à sua espera. Mas nem sempre os espaços são os mesmos. Quando dispersos em espaços abertos, os sonhos podem subverter suas finalidades.

A face receptiva que se faz do amor é tão desafiadora quanto a atitude do leitor ao deleitar-se com o texto. O “horizonte de expectativas” sempre é um campo de incertezas “emancipatórias”. Viver o amor para Deolindo seria apenas ter um novo momento de contato

com Geneveva, mas o espaço que se faz da racionalidade só é contemplado quando a sensibilidade está acima desta.

O caráter almirante do amor relativo à pujança da função vivida pelo soldado chegaria a sua contemplação se Geneveva tivesse respeitado a sinceridade de Deolindo quando de sua propositura de amor sincero. Mas o desencanto pairou em seu caminho pela chegada de José Diogo na vida de Geneveva. Os presentes que daria a sua amada, com ênfase nos brincos, eram a demonstração da continuidade.

No mesmo sentido do amor, refletido no coração, a arte presente no texto desafia o leitor a viver seus momentos subliminares. Assim, a fruição do amor e da sensibilidade pela arte só se dará se a cumplicidade com o texto fizer parte do contexto e da vontade que este desprende durante o instante de encontro com o texto.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Coletânea de poemas*, 2004, p. 37.

ASSIS, Machado de. *Volume de contos (Noite de Almirante)*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. [tradução Antonio de Pádua Danesi]. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Tópicos).

_____. *A poética do espaço*. [tradução Antonio de Pádua Danesi]. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. Disponível em: <http://www.poemas-de-mor.net/amor_e_fogo_que_arde_sem_se_ver_luis_de_camoes>. Acesso em: 17 abr. 2017.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 16. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Nomes & sobrenomes – dicionário etimológico*. 4ª ed. São Paulo: MM Edições, 1994.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 01. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria da literatura*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aesthesis e kartharsis*. In: LIMA, Luiz (org.). *A literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MICHAELIS. *Dicionário eletrônico online*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues&palavra=corve>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SCHILLER. Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.